

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
HISTÓRIA, SOCIEDADE E CULTURA

ROBERTA ISLEI OLIVEIRA SANTOS

RA 00149092

CULTURA E EDUCAÇÃO: O ACESSO À CULTURA NA
FORMAÇÃO DE JOVENS

Projeto apresentado para avaliação da disciplina
Monografia, do curso de Especialização: História,
Sociedade e Cultura turma A do sábado, da
Pontifícia Universidade Católica, orientado pela
professora Dra. Yvone Dias Avelino

SÃO PAULO

1º Semestre/2016

Sumário

Introdução.....	4
Justificativa	10
Objeto de pesquisa	11
Objetivo.....	12
Objetivo Geral.....	12
Objetivos Específicos.....	12
Metodologia	13
Plano de trabalho	14
Cronograma	15
Referências Bibliografica.....	16

Resumo

Como forma de perceber a consonância entre cultura e educação, este trabalho pressupõe o estudo de práticas sociais que proporcionam o acesso à cultura e a fruição cultural por meio da Política Nacional de Cultura Viva nos Pontos de Cultura. Tem como objetivo estudar as especificidades sociais e educacionais na formação cultural dos jovens, assim como observar as perspectivas que os jovens inseridos no processo de formação nos pontos de cultura têm de si mesmos e da sociedade em que estão inseridos. Para compreender essa realidade, será realizada uma pesquisa descritiva, com abordagem qualitativa dos dados coletados por meio de questionário e análises de documentos das propostas culturais (programas, planos, ações, projetos políticos pedagógicos) dos Pontos de Cultura, bem como do documento base do programa Cultura Viva. Considerando também a contribuição de embasamento bibliográfico dos referenciais teóricos pertinentes para fundamentar e reforçar as análises desta pesquisa.

PALAVRAS-CHAVES: Educação, cultura, Pontos de Cultura, Cultura Viva

Introdução

Como forma de perceber a consonância entre cultura e educação, este trabalho pressupõe o estudo de práticas sociais que proporcionam o acesso à cultura e a fruição cultural por meio da Política Nacional de Cultura Viva nos pontos de cultura. O interesse em pesquisar os espaços públicos de ações culturais é instigado pelo caráter transformador que a cultura exerce na organização social, que impulsiona o jovem não só à amplitude do acesso cultural e à sua participação na comunidade onde está inserido, mas também na elaboração e afirmação de sua identidade.

Além dos direitos garantidos pela constituição federativa de 1988, em 2014 foi sancionada a Lei Cultura Viva que surgiu para estimular os processos e manifestações culturais, visando a juventude como principal protagonista. Nesta perspectiva, compreende-se a necessidade de qualificar e ampliar o repertório cultural de crianças e jovens, bem como assegurar seus direitos culturais.

Na esfera cultural, observa-se uma dimensão educativa eficiente na formação de crianças e jovens que assegura e resgata os valores de grupos urbanos ou rurais com acesso limitado à direitos e oportunidades na sociedade. Neste sentido, a pesquisa se torna evidente pois irá trazer à tona ações culturais que tiram os jovens da alienação e da formação mecânica para o mercado de trabalho e os impulsionam para a arte e o senso crítico.

Para buscar a entender a condição cultural na formação dos jovens de hoje, a noção de cultura será analisada expondo algumas referências que nortearão a realização desta pesquisa. Para se pensar a relação cultura e sociedade no século XXI não se pode deixar de expor os conceitos do pensador britânico Raymond Williams. Para o autor, a transformação que caminha à justiça social e ao acesso democrático a bens materiais e culturais perpassava por mudanças nos processos de hegemonia cultural pois é no contexto da formação do sistema de significados e de valores que o modelo de sociedade se mantém.

A complexidade do termo cultura tem início como nome de um processo – cultura (cultivo) de vegetais ou (criação e reprodução) de animais e, por extensão, cultura (cultivo ativo) da mente humana –, o termo cultura, em meados do século XVIII, passou a designar civilização. Ao longo do século XIX, houve uma gama de significados da palavra cultura, desde um estado mental desenvolvido (pessoa culta), deslocando por processos desses desenvolvimentos (interesses culturais) até chegar aos meios desses processos (as artes e o trabalho intelectual do homem). Williams aponta uma certa convergência entre os sentidos antropológicos e sociológico de cultura como modo de vida global em que se apresenta um sistema de significações envolvido em todas as formas de atividade social e o sentido mais especializado de cultura como atividades artísticas e intelectuais abrangendo outras práticas significativas como linguagem, publicidade e moda.

Para Raymond Williams, cultura é uma sucessão de complexidades de muitos tipos de organização que se vinculam, do mais direto ao mais indireto. O importante é distinguir o produto cultural em estudo no contexto de um sistema de significações realizado, com instituições, práticas e obras. Isto porque, para Williams, a cultura, nas sociedades modernas capitalistas, está organizada em uma rede complexa de atividades, relações e instituições em que não cabe isolar o estudo e supor, por exemplo, na teoria e na prática, “um lado econômico da vida”, “um lado espiritual”, “um de lazer” etc. (WILLIAMS, 1992)

Isso posto, o autor propõe uma teoria da cultura capaz de dar conta desse modo geral de vida, estabelecendo conexões entre todos os elementos por nós significados, inclusive a arte, a poesia e a literatura. Deste modo, analisa a cultura de maneira que qualquer elemento significado tem de ser pensado em sua totalidade social complexa, em sua posição em meio a trocas gerais e em relação aos laços de localidade já que a cultura circula no âmbito do concreto, em meio à realidade social (WILLIAMS, 1992)

Williams aponta elementos de assimetria nas relações entre culturas dominantes e as subordinadas. Nas ordens sociais reprodutivas dos períodos feudais e medievais esses elementos eram percebidos como assimetrias ligadas a classes, mas quando a reprodução material de artefatos culturais é mais acessível, dentro das relações sociais já diversificadas começam a surgir

assimetrias mais complexas passando a existir uma diferenciação que qualifica as formas tradicionais e relativamente rígidas de produção social e cultural e essa produção e distribuição cultural diversa.

Para Williams cultura é uma produção da qual revela a qualidade de vida social em um certo lugar e tempo. Mas, na sua concepção, essas produções devem ser analisadas sem que sejam categorizadas e enquadradas. Para explicar essa ideia o autor apresenta uma sociologia dos sistemas de sinais pelos quais se estabelece que aquilo a que se vai ter acesso deve ser encarado como arte. O teatro, a galeria de arte e a sala de concertos são exemplos destes sinais tradicionais e convencionais que têm uma funcionalidade de enquadramento.

Colocando essa discussão na organização social da cultura nas periferias observamos uma interpretação negativa do seu produto cultural, visto que as qualidades de seus manifestos são julgadas pela ausência do sinal esperado de que aquilo pretende ou não ser arte. Além disso, as desigualdades que fragmentam as grandes cidades, levam para longe dos centros famílias oriundas da migração dando origem às favelas e periferias. Com a expansão demográfica jovens e crianças não têm predisposição e, na maioria das vezes, acesso de ir aos teatros, museus, espetáculos de danças e shows localizados nos centros das cidades. Com efeito, a televisão, o rádio e a internet levam para os lares das classes populares a cultura do entretenimento (CANCLINI).

Fica claro, portanto, que a divisão social não garante o direito de todos à totalidade da produção cultural, pois com a indústria cultural fica estabelecida tal divisão entre o que é produzido para a elite – visto como culto e encontrado nos centros – e o que é produzido para as massas – visto como incluso. Mas, segundo Williams, uma interpretação materialista do produto cultural precisa conter qualquer tipo de agrupamento e se atentar às suas condições de produção e às razões em que se efetiva.

O relevante é mostrar, através do produto cultural, as relações contemporâneas que com ele se estabelecem, por este motivo a concepção de cultura como todo um modo de vida. Para Williams a cultura não é um produto que se desloca do todo, mas tem relação direta com este todo. Desta forma, cultura articula instituições, se atrela a política e movimenta o capital, promove valores e refuta outros; em suma, cultura faz parte da vida cotidiana.

Raymond Williams apresenta a cultura como um sistema de significações inerente a qualquer sistema econômico, político, geracional e social. Entretanto, ele pode distinguir-se, na prática, como um sistema em si mesmo: como uma língua, um sistema de pensamento, uma ideologia, um conjunto de obras de arte. Cultura deve ser interpretada, então, em relação ao modo de sua produção, isto é, em meio as condições históricas nas quais se fez produzir.

Não se pode ter uma visão hegemônica da cultura, isso seria aparta-la do lugar comum do mundo material, reduzindo seu poder de explicar as relações sociais reais. Este modo de posicionar a cultura, critica Williams, é que transforma as pesquisas em educação, sob o espectro do cultural politicamente engajado, pois atinge inevitavelmente no problema da desigualdade e da exclusão.

Faz parte dos sistemas educacionais proporcionar a transmissão de “conhecimento” ou “cultura” universalmente derivado, ainda que seja evidente que em determinado tempo histórico e países diversos transmitem versões seletivas completamente variadas de conhecimento e de cultura. Observa-se relações fundamentais e necessárias entre essa versão seletiva e as relações de dominação vigente, quanto a elaboração de um currículo, as modalidades de seleção dos que devem ser formados, a maneira e definições da autoridade educacional. Desta forma, o processo educacional geral é uma maneira precisa de reprodução cultural, a qual pode estar vinculada à reprodução mais abrangente das relações sociais em vigor, a qual é garantida pelo direito de propriedade e por relações econômicas, políticas, religiosa e familiares existentes e que se perpetuam. Daí surgem os tipos significativos de desigualdade e assimetria. (WILLIAMS, 1992)

Por conseguinte nos esbarramos no conservadorismo escolar que reforça arbitrariamente as desigualdades sociais, uma vez que a escola produz e reproduz os valores e a cultura específica da classe dominante, favorecendo aqueles que já a possuem fora da escola, os denominados herdeiros culturais. Em contrapartida, as crianças e jovens oriundos das classes populares tendem a ser desencorajados das ambições percebidas como desmedidas, levados a renegar suas origens e cultura. (BOURDIEU, 1966)

Para Raymond Williams a cultura se transforma em um espaço de dominação em que se reafirma a hegemonia de uma classe dominante. A dominação de uma determinada classe depende

da sua legitimação que se dá por meio da universalização dos seus significados e valores em relação ao conjunto da sociedade, instaurando, dessa forma, a sua hegemonia. Mas para garantir sua posição de classe dominante faz-se necessário a reprodução dessa hegemonia que, segundo Williams, encontra na produção cultural. Com isso compreende-se que a classe dominante instaura uma tradição, mas o processo de formação da “tradição” não é, necessariamente, uma imposição, mas uma seleção, visto que há, sempre, disputa entre o que fará parte ou não de uma tradição escolhendo e enfatizando certos significados e práticas enquanto se negligencia e exclui outros.

A educação é uma portadora e organizadora muito eficiente dessa tradição. Mas há também outros processos sociais por meio dos quais uma tradição é moldada e remoldada. Williams aponta que é de fundamental importância para seu lugar na cultura que, sob determinadas condições sociais, as tradições alternativas e até mesmo antagônicas possam ser geradas na mesma sociedade. (WILLIAMS, 1992)

Portanto, para promover uma formação cultural democrática à população, há de se investir numa prática educativo-crítica em que propicia as condições para que crianças e jovens ensaiem a experiência profunda de se assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante e comunicante, transformador, criador e realizador de sonhos. (FREIRE, 1996)

Neste sentido, surgem os Pontos de Cultura que estão desfazendo hierarquias e construindo novas legitimidades. Desenvolvido com autonomia e protagonismo social o Ponto de Cultura é cultura em processo e decorre das relações empíricas. Sua ação busca fortalecer competências do sujeito seja individual ou coletivamente, o reencontro entre pessoas e a capacidade de agir enquanto agentes históricos. Desta forma, amplia a capacidade de compreensão do mundo e a afirmação das identidades sociais e pessoais de um Brasil que foi silenciado.

O Ponto de Cultura, por si só, já apontaria um avanço em relação às tradicionais formas de relacionamento entre o poder público e a sociedade, mas as políticas públicas se ampliam com o programa Cultura Viva que propõe integrar o Ponto a um sistema mais amplo, vivo, pulsante. Desta forma, Ponto de Cultura e programa Cultura Viva são inerentes e, como pode ser observar

no documento de formulação do programa, escrito em junho de 2004: “O Cultura Viva é concebido como uma rede orgânica de gestão, agitação e criação cultural e terá por base de articulação o Ponto de Cultura”. Ou seja, o Ponto de Cultura é a base de apoio e a política Cultura Viva é o incentivo. (TURINO, 2010)

Justificativa

O desejo em realizar essa pesquisa surgiu da visibilidade que grupos culturais, sobretudo das periferias, estão conquistando. Comunidades e movimentos sociais fazem da cultura uma estratégia para a construção de empoderamento e protagonismo, contrapondo uma perspectiva ideológica que conceitua algumas culturas superiores às outras.

A formação da juventude consiste na busca de definição da identidade e na transição que deve ser centrada na preparação à vida futura por meio da formação escolar de modo a garantir uma inserção pertinente na vida social. Para realização dessa preparação é preciso que haja a suspensão ou retardamento da entrada em vários âmbitos e funções na vida social. Desta forma, considera-se “jovens” apenas aqueles que possam viver tal suspensão, portanto, os jovens de classe média/alta. Os jovens de classes populares, tendo de trabalhar e renunciar os estudos muito cedo, são excluídos dessa construção de juventude. (ABRAMO, VENTURI; 2000). A escolha de pesquisar jovens de faixa etária entre 14 a 18 anos que habitam as periferias se justifica pelo caráter transformador que os Pontos de Cultura têm na construção de seus futuros.

A formação das identidades desses jovens está associada a formação que o sociólogo espanhol Manuel Castells classifica como “identidade da resistência criada por atores sociais que estão em posição desvalorizadas e estigmatizadas pela lógica dominante” (CASTELLS, 1999). Para superar essa posição social, se faz necessário modificar a ordem estrutural para que jovens e crianças transformem a sociedade através do conhecimento e da cultura, desta forma, Castells nos traz outro conceito de identidade intrínseco a da resistência, a identidade de projeto.

Com os Pontos de Cultura se justifica a construção das identidades de projetos. Os Pontos que estão articulados ao Programa Cultura Viva (sancionada lei nº 13.018/14), pressupõem autonomia e protagonismo sociocultural, disseminando as práticas culturais pelas comunidades e causando conquista social. (TURINO, 2010). Neste sentido, o fazer cultural, por meio dos vários Pontos em todo território brasileiro, permite a reelaboração das relações entre o reconhecimento e o meio social ao tratar não só do acesso desigual à cultura, mas também ao valorizar a diversidade cultural.

Desta forma, a pesquisa sobre o acesso à cultura na formação de jovens pretende compreender em que medida os projetos pedagógicos dos Pontos de Cultura colaboram para fomentar a cultura e a criação cultural e quais são as perspectivas dos jovens inseridos no processo de formação nos pontos de cultura.

Objeto de pesquisa

O objeto de estudo do presente projeto é **o acesso à cultura na formação de jovens** meninos e meninas, entre 14 e 18 anos inseridos na educação não formal nos pontos de cultura localizados na periferia da cidade de São Paulo.

Objetivos

Objetivo Geral

Estudar as especificidades sociais e educacionais na formação cultural dos jovens por meio da Política Nacional de Cultura Viva nos Pontos de Cultura.

Objetivos específicos

1. Compreender em que medida os projetos pedagógicos dos pontos de culturas colaboram para fomentar a cultura e a criação cultural;
2. Observar as perspectivas que os jovens inseridos no processo de formação nos pontos de cultura têm de si mesmos e da sociedade em que estão inseridos;
3. Discutir criticamente os mecanismos de formação aprendidos no âmbito da educação formal para a manutenção das relações sociais;

Metodologia

Será realizada uma pesquisa descritiva, com abordagem qualitativa, do tipo bibliográfico e estudo de caso. O caráter descritivo se justifica pela descrição da realidade e da prática social na formação de jovens inseridos nas ações culturais e pelo embasamento bibliográfico dos referenciais teóricos pertinentes para fundamentar e reforçar as análises desta pesquisa.

A abordagem qualitativa evidencia-se pela propensão de adentrar no contexto social de modo a compreender e acompanhar o movimento das práxis dos sujeitos. Para compreensão do desenvolvimento das relações humanas, serão necessárias observações que incorporam o método dialético, pois essa metodologia corresponde às inquietações da realidade social. Nesta perspectiva, procura-se entender os conflitos e contradições dos cotidianos históricos, suscetíveis à negação e, por conseguinte, às transformações da realidade concreta (TRIVINOS, 1987).

Nestas perspectivas, o Estudo de caso, deverá ser composto das informações formais e/ou informais obtidas pelos jovens produtores de cultura que se dispuserem a participar. Desta forma, a coleta de dados será por meio de questionário, com a finalidade de analisar suas crenças, interesses, expectativas e vivências a partir das ações educativas desenvolvidas no Ponto de cultura. E também por entrevistas não dirigidas que dará aos jovens entrevistados total liberdade para expressar suas opiniões e sentimentos sem a pretensão de força-los a responder. Além do trabalho de campo, serão feitas análises de documentos das propostas culturais (programas, planos, ações, projetos políticos pedagógicos) dos Pontos de Cultura, bem como do documento base do programa Cultura Viva.

A organização para análise dos dados se apoiará em três aspectos fundamentais propostos por Trivinos, são eles: a) nos resultados alcançados no estudo (respostas aos instrumentos, ideias dos documentos etc.); b) na fundamentação teórica (manejo dos conceitos-chaves das teorias e de outros pontos de vista); c) na minha experiência pessoal como investigadora.

Plano de trabalho

Etapa 1

Consiste na fase de busca do projeto, em que se pretende selecionar as bibliográficas com temáticas em cultura, educação e juventude que nortearão o desenvolvimento da pesquisa sobre o acesso da cultura na formação de jovens; leitura após seleção, escolha de dois pontos de cultura localizados na periferia da cidade de São Paulo e elaboração de questionário que será proposto aos jovens.

Etapa 2

O trabalho de campo tem como meta aprofundar o estudo sobre o elo entre cultura e educação por meio das concepções e vivências dos jovens. Isso posto, será necessário, a visita aos pontos de cultura para apresentação da proposta referida acima; seleção dos jovens que se dispuserem a participação e construção dos roteiros de observação ao emergir no espaço de cultura.

Etapa 3

Aplicação do questionário acerca das experiências e expectativas em relação à ação cultural desenvolvidas pelos jovens selecionados na etapa 2; Realização das entrevistas abertas com jovens e profissionais inseridos no processo de formação.

Etapa 4

A quarta e última etapa da investigação, integra num momento de fusão e aprofundamento das demais etapas. No primeiro momento propõe-se a busca de embasamento teóricos e elaboração de instrumentalização para coleta de dados, no segundo e terceiro momento planeja-se visitar os pontos de cultura para compreender, por meio dos questionário, entrevistas e observação, as perspectivas dos jovens com eles mesmos e com seu contexto social. Neste quarto momento busca-se a articulação dos dados obtidos com a fundamentação teórica visando expor aspectos essenciais para efetuar a transformação social através da cultura e educação.

Cronograma

Período		1/2016					
Atividades		Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun
1	Escolha e Delimitação do tema do Projeto.	X	X				
2	Levantamento de literatura.		X	X	X		
3	Elaboração do Problema, das hipóteses, dos Objetivos e da Justificativa.			X	X		
4	Elaboração da Fundamentação Teórica.			X	X		
5	Elaboração da Metodologia e do Cronograma, e das Referências.			X	X		
6	Revisão do texto.				X	X	
7	Entrega do Projeto.						X

Referências Bibliográficas

ABRAMO, Helena. VENTURI, Gustavo. **Juventude, política e cultura**. In: Teoria e debate, revista da Fundação Perseu Abramos, nº45, jul/ago/set 2000

ARANTES, Antônio Augusto. **O que é cultura popular**. Coleção primeiros passos. Brasiliense, 1990

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988

BRASIL, Ministério da Cultura. Programa e ações – **Programa Cultura Viva**. Disponível em: <http://www.cultura.gov.br/cultura-viva1>. Acesso em 20 abr.2016

BOURDIEU, Pierre. **A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura**. Paris, 1966, p. 325-34

CANCLINI, Nestor Garcia. **Imaginários Culturais da Cidade: conhecimento, espetáculo, desconhecimento**. In: A cultura pela cidade

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**, São Paulo: Paz e Terra, 1999

CHAUÍ, Marilena. **Cultura e democracia**. *Crítica y Emancipación* (1), p.53-76, junio 2008

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996

FREIRE, Paulo. **Ação Cultural para a liberdade e outros escritos**. São Paulo: Paz e Terra, 2007

GADOTTI, Moacir. **Diversidade cultural e educação para todos**. Rio de Janeiro: Graal, 1992

THOMPSON, Edward Pamer. **Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo: Companhia das letras, 1998

TURINO, Célio. **Ponto de cultura: o Brasil de baixo para cima** - 2.ed. - São Paulo: Anita Garibaldi, 2010.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.